

# O corpo e suas sensações: uma leitura da poética de Maria Teresa Horta

**Fabio Mario da Silva**

*Universidade Federal Rural de Pernambuco*

**Resumo:** Analisando o conjunto da obra poética de Maria Teresa Horta, percebemos que uma das chaves de leitura de sua poesia diz respeito ao uso dos cinco sentidos, como melhor maneira de evidenciar as sensações do eu lírico, que exhibe o corpo feminino e o corpo de um outro desejado, na tentativa de busca de realização e experimentações de prazer. Nosso objetivo é, a partir dos estudos de Merleau-Ponty e de Borges Filho, além de apresentarmos algumas considerações da crítica hortiana, observarmos o uso das sinestésias e sua relação com o corpo através de uma análise da poesia da escritora. Apontaremos como o corpo é a principal chave de leitura para se ler a obra de Maria Teresa Horta.

**Palavras-chave:** Literatura Portuguesa, autoria feminina, corpo, sensações, Maria Teresa Horta.

**Résumé :** En analysant l'ensemble de l'œuvre poétique de Maria Teresa Horta, nous constatons que le recours aux cinq sens constitue le meilleur moyen de mettre en évidence les sensations du moi lyrique, qui met en scène le corps féminin et le corps d'un autre désiré, en quête d'épanouissement et de plaisirs. À partir des études de Merleau-Ponty et de Borges Filho, et en nous appuyant sur quelques considérations issues de la critique sur l'auteure, nous nous intéresserons à l'usage de la synesthésie et à son rapport au corps à travers une analyse de la poésie de l'écrivaine. Nous montrerons la façon

dont le corps constitue la principale clé de lecture de l'œuvre de Maria Teresa Horta.

**Mots-clés :** Littérature portugaise, écriture des femmes, corps, sensations, Maria Teresa Horta.

Na poesia de Maria Teresa Horta, os versos têm “êxtase” e as palavras têm “pele”<sup>1</sup>, revelando que o corpo é um ponto central do debate em torno de sua obra. Evidentemente, muitos outros críticos já apontaram o corpo como componente essencial na obra de Horta, observando até, através da análise do poema “O corpo”, de *Educação Sentimental*, como refere Conceição Flores, que a “anatomia do corpo feminino é guiada pelo tato”<sup>2</sup>. Lembremo-nos que a própria Teresa Horta organiza uma obra intitulada *As Palavras do Corpo*, demarcando, assim, o ponto central de leitura de toda a sua obra associada ao erotismo, tema que, por sua vez, se interliga aos cinco sentidos como ativadores deste corpo ou dos corpos desejados.

Maria Teresa Horta elaborou assim uma poética do uso das percepções, fazendo-a através da confluência de sentidos, traço essencial para perceber como a sua poesia se constitui a partir de afetos, de sentimentos e de sensações que levam o “eu” lírico a interrogar-se constantemente sobre o seu lugar no mundo, nomeadamente em relação dialética com um “tu” que lhe desperta e lhe aguça os cinco sentidos. Isso porque, como constatado por vários investigadores, o corpo, essa âncora de todos os sentidos, tem deveras importância no conjunto de sua obra, seja pelo posicionamento feminista e de revide em relação às normas sociais conservadoras, seja como ponto de ebulição e interligação com o seu discurso feminino que expressa um corpo que toca, degusta, cheira, escuta e vê.

Essa poética vai dialogar com as reflexões do filósofo Merleau-Ponty, que pensa, na sua obra *Fenomenologia da Percepção* (2006), os processos perceptivos corporais, a sua inserção e a sua relação com o mundo, bem como as maneiras pelas quais o sujeito se constitui perante esse mundo e o “outro”. Trata-se daquilo que o filósofo refere como a capacidade de perceber verdadeiramente o mundo e a si mesmo. E essa percepção que o sujeito tem de si e do “outro” é constituída então através do seu corpo ou, mais especificamente, através dos cinco sentidos (visão, audição, olfato, tato, paladar). Ou seja, para Merleau-Ponty, a essência operacional da percepção se faz através do corpo, que não seria apenas um objeto, mas uma extensão do próprio mundo que cerca o indivíduo: “Considero meu corpo, que é meu ponto de vista sobre o mundo, como um dos objetos desse mundo”<sup>3</sup>. Assim, o corpo, ao mesmo tempo que transforma o mundo por meio da percepção, é transformado por meio de tudo o que percebe.

Por seu turno, também Borges Filho<sup>4</sup> refere que os cinco sentidos apontam a relação do sujeito consigo e com o espaço circundante. Contudo, o crítico nos alerta que é deveras complexa a variação da sensação e da percepção para cada sujeito, pois acredita que “apesar de os sentidos

1. HORTA, Maria Teresa, “À queima-roupa”, *Estranhezas*, Lisboa, Dom Quixote, 2018, p. 24.

2. FLORES, Conceição, “A geografia mais próxima’: o corpo na poesia de Maria Teresa Horta”, *O Sentido Primeiro das Coisas. Ensaios sobre a obra de Maria Teresa Horta*, 1º vol., Natal, Escribas, 2015, p. 155.

3. MERLEAU-PONTY, Maurice, *Fenomenologia da Percepção*, 3ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 2006, p. 108.

4. Cf. BORGES FILHO, Oziris, *Espaço e Literatura: introdução à topoanálise*, São Paulo, Ribeirão Gráfica e Editora, 2007, p. 72.

serem os mesmos e, mesmo que os estímulos sejam os mesmos, cada pessoa percebe a realidade diferentemente”<sup>5</sup>, distinguindo, assim, por exemplo, as noções de agradável e desagradável. O crítico considera o tato como um dos sentidos que representa um “receptor imediato” — justamente o de maior predominância na obra de Teresa Horta, dada a experiência e a necessidade do “eu” lírico estar próximo ao objeto/espaco/sujeito. Lembrando-nos que o tato não apenas se refere ao toque com as mãos, mas abrange o corpo inteiro, a pele, órgão responsável pela captação de sentidos em determinado espaço/temporalidade.

E como trabalha a poética de Maria Teresa Horta essa relação da percepção de si e do outro, a partir do corpo e de suas sensações? Maria João Reynaud já notara que, realmente, *A Dama e o Unicórnio* é a obra que melhor expressa a relação dos cinco sentidos com a poesia de Maria Teresa Horta: “como se sabe, cinco das tapeçarias alegorizam os cinco sentidos — o gosto, o olfacto, o ouvido, o tacto, e a vista —, sendo o gesto da Dama que, em cada uma delas, permite a sua identificação (detalhe revelado numa bela sequência do livro)”<sup>6</sup>. Efetivamente, devido à sua composição multissemiótica (livro escrito e imagem, cd de áudio e trabalho gráfico, que juntos se harmonizam para aguçar os sentidos do leitor), *A Dama e o Unicórnio* é uma obra que intui uma conectividade interartes e, por isso mesmo, entre todos os sentidos, como forma de melhor experienciar esse objeto-livro:

Os sentidos

Estes são os fios  
da ardidura entrançando

a Visão com o Olfacto

Entrelaçando os sentidos  
cada um no seu aposto

o Tacto, o Paladar, a Audição

E os desejos interditos  
os olvidos, os silêncios  
doces anseios malditos<sup>7</sup>

Maiuscular os cinco sentidos é uma maneira de lhes conferir real autonomia e destaque na obra. Por isso, não é por acaso que estas características vão também permear, frequentemente, as outras obras poéticas de Maria Teresa Horta (como mais adiante observaremos) e vão ser de real valor para se entender as interpretações que o “eu” lírico faz de si, através das sensações do seu corpo.

---

5. *Ibid.*, p. 69.

6. REYNAUD, Maria João, “Algumas reflexões sobre *A Dama e o Unicórnio*, de Maria Teresa Horta”, in Flores, Conceição, *O Sentido Primeiro das Coisas...*, *op. cit.*, p. 216.

7. HORTA, Maria Teresa, *A Dama e o Unicórnio*, música António de Sousa Dias, Lisboa, Dom Quixote, 2013, s. p.

Podemos perceber que, em muitos poemas, o paladar, o olfato e o tato se misturam como forma de expressar aprazimento ao sujeito poético, num tom multissinestésico: “A macieza do teu / fruto / Da pele do fruto do teu hálito / Desfruto / as tuas mãos e o hálito leve / e tão frequente”<sup>8</sup>. Em outros versos, ativam-se as sensações de regozijo e acolhimento, de um “cheiro”, de um sentir que, apesar de não experienciar mais esse odor, recorda-o, resgatando uma percepção de uma fase da vida do “eu” lírico — “Torno a lembrar / o cheiro / das tuas pernas / de menstruação / acesa / quando à noite / te debruçavas no meu berço”<sup>9</sup> e “A tua pele, o teu cheiro / onde sempre furtivo / o meu sonho se aninhava”<sup>10</sup>. A saudade expressa-se através da recordação de certos olhos e dedos: “que dos teus olhos / amor / ou dos teus dedos / sem a memória deles / não concebo”<sup>11</sup> e “Continuo a lembrar / o teu / cheiro”<sup>12</sup>.

Vejamos, por exemplo, o poema “Caminho”, de *Invocação do Amor*, no qual as palavras deslizam na língua e são como “leite / ou saliva”<sup>13</sup>. Assim, deparamo-nos com uma poesia que nos apresenta um certo “sabor do amor”: “o teu sabor / na minha língua”<sup>14</sup>, e ainda “como a tua boca / é doce / no cimo das minhas pernas”<sup>15</sup>. Essa sede, ativada pelo desejo carnal, transfigura-se numa cena na qual os líquidos saciam o “eu” lírico em busca de prazer: “Beber devagar o meu / desejo”<sup>16</sup> e “Bebi de ti / o suco do teu corpo”<sup>17</sup>. Há uma imagem que representa a boca posta no órgão sexual feminino: “Digo da boca do corpo / uma rosa a língua lenta / e o suco da garganta”<sup>18</sup>. É um órgão exaltado em quase toda poesia de Teresa Horta, por isso necessitando ser descrito e cantado: “uma rosa de fogo / incendiada / de lábios mansos fechados sobre a língua / De sucos doces / e de licores que cavam / esse outro gosto travado sobre a língua”<sup>19</sup>.

Aliás, a relação sexual, as experimentações e fruições de prazeres baseiam-se nessas experiências sensoriais e, mais uma vez, o paladar, esse “sabor do amor”, é cantado sem nenhum tipo de tabu: “O sabor do esperma / dos anjos que imaginam / a-mar / as águas / uterinas”<sup>20</sup>. Trata-se de uma necessidade vital à “degustação” do objeto de desejo que se transforma na boca de um amante/amado/desejado: “Morro de sede perto dos teus lábios / de ti quero ir bebendo / e ficar louca”<sup>21</sup>. Há também uma imagem de uso sinestésico: um instrumento musical, por exemplo, não ativa a audição, mas o olfato “a nossa voz / tem o sabor das harpas”<sup>22</sup>.

A poética de Maria Teresa Horta se caracteriza por uma constante busca por um “tu-Amante”, no desejo de ter, por um lado, a posse do corpo deste amado, e por outro, na fusão desses

8. *Id.*, “Capítulo VI, 6”, *Poesia Reunida. Minha Mãe, meu Amor*, Lisboa, Dom Quixote, 2009, p. 573.

9. *Id.*, “Adormecias no meu braço”, *Poesia Reunida. Minha Mãe, meu Amor*, *op. cit.*, p. 579.

10. *Id.*, “Pressa enredada”, *Paixão*, Lisboa, Dom Quixote, 2021, p. 30.

11. *Id.*, “Já”, *Poesia Reunida. Candelabro*, Lisboa, Dom Quixote, 2009, p. 248.

12. *Id.*, “O teu cheiro”, *Paixão*, *op. cit.*, p. 82.

13. *Ibid.*, p. 146.

14. *Id.*, “Saliva”, *Poesia Reunida. Amor Habitado*, Lisboa, Dom Quixote, 2009, p. 170.

15. *Id.*, “Rosa”, *Poesia Reunida. Minha Senhora de Mim*, Lisboa, Dom Quixote, 2009, p. 349.

16. *Ibid.*, p. 344.

17. *Id.*, “Face a Face”, *Poesia Reunida. Educação Sentimental*, Lisboa, Dom Quixote, 2009, p. 377.

18. “A boca do corpo”, *ibid.*, p. 416.

19. HORTA, Maria Teresa, sem título, *Poesia Reunida. Rosa Sangrenta*, Lisboa, Dom Quixote, 2009, p. 601.

20. *Id.*, “XI”, *Poesia Reunida. Os Anjos*, Lisboa, Dom Quixote, 2009, p. 525.

21. *Id.*, “Carmin”, *Poesia Reunida. Inquietude*, Lisboa, Dom Quixote, 2009, p. 776.

22. HORTA, Maria Teresa, “Intimidade”, *Poesia Reunida. Cidades Submersas*, Lisboa, Dom Quixote, 2009, p. 121.

corpos (“Sempre misturámos / os corpos / um no outro / prazer desejo / e paixão”<sup>23</sup>). Em alguns poemas, observa-se a procura da liberação dos líquidos exalados do corpo de outrem, principalmente no ato sexual, que lhe aguça o paladar:

Corpo Todo

No íngreme da língua  
o sangue e o leite

Quando trato a paixão  
com o corpo todo  
o prazer de provar o doce  
e o lodo

O esperma sobre o dorso  
a boca desdobrada  
as unhas debruçadas no pescoço<sup>24</sup>

Como podemos observar em “Corpo Todo”, e em tantos outros poemas de Horta, o “eu” lírico “alimenta-se” desse corpo desejado, numa relação metafórica “canibalística” de um corpo que, para existir, necessita dos sabores desse outro corpo que possui diferentes gostos — pêssego, tangerina, limão, damasco, canela, framboesa, pão, cravo, chocolate, etc.<sup>25</sup>. Justamente por isso, o “eu” poético revela a necessidade corporal desta figura que lhe desperta exaltação sexual, apego e paixão: “O meu corpo: guloso / do açúcar da tua boca”<sup>26</sup>. Eis, pois, uma constante reflexão sobre o corpo fisiológico humano e o corpo do poema, elementos que devem dialogar na construção da obra horteana: “Quando o corpo é corpo ou se torna corpo / na ponta dos meus dedos / o desenlaga e estendo, o invento e faço”<sup>27</sup>.

Recordemos ainda que as alusões às figuras de apreço ao “eu” lírico expressam os seus desejos através do uso das sinestésias, recuperando aquilo que o filósofo Merleau-Ponty adita: é através dos cinco sentidos que percebemos verdadeiramente o mundo ao nosso redor e a nós mesmo. É exatamente essa dinâmica que encontramos na poética de Teresa Horta: o cheiro, o toque, ativam lembranças, mas, ao mesmo tempo, deparamo-nos com uma poesia líquida na qual figuram lexemas como mel, suco, menstruação, leite, suor, esperma, sangue; que, elaborando uma singular poética do erotismo, esses lexemas apontam-nos algumas imagens importantes em sua obra, como, por exemplo, a do prazer, a da lascívia, e a da realização sexual. Assim, o olfato, em muitos casos, é ativado pelo exalar dos líquidos corporais:

Os cheiros

---

23. *Id.*, “Avidez arrebatada”, *Paixão*, *op. cit.*, p. 36

24. *Id.*, *Poesia Reunida. Só de Amor*, Lisboa, Dom Quixote, 2009, p. 716.

25. Cf. *id.*, “Corpo”, p. 717 e “Sabor”, p. 721 contidos em *Poesia Reunida. Só de Amor*; e “As axilas”, em *Poesia Reunida. Educação Sentimental*, *op. cit.*, p. 407.

26. *Id.*, sem título, *Poesia Reunida. Só de Amor*, *op. cit.*, p. 724.

27. *Id.*, “O esplendor do corpo”, *Estranhezas*, Lisboa, Dom Quixote, 2018, p. 127.

Os cheiros interiores  
do corpo

A musgo  
A líquen  
A raízes perdidas

A cuspo  
A vagina  
A águas paradas levemente aquecidas<sup>28</sup>

O olfato ativa também lembranças da memória e de sua relação com a figura materna — “Respirar-te o sangue / [...] / Respirar-te o mover”<sup>29</sup> —, desencadeando sensações de prazer extremos — “Do odor toma o motivo / enovela-se e desmaia”<sup>30</sup> — e noções de agradável (com predominância) e de desagradável (com pouca recorrência): “cheiro a demo e sujidade”<sup>31</sup>. Há também a identificação/reconhecimento, do amado/do “outro”, através do olfato, que aguça outras partes do corpo. Os cheiros que emanam das partes do corpo são associados a certos tipos de perfumes/odores, numa busca incessante de ativação desse sentido: “Amo os perfumes / torpes / que entontecem o corpo”<sup>32</sup>. Já em *Poemas do Brasil* podemos observar os odores despertados pelo clima e paisagens circundantes, como a mata atlântica brasileira<sup>33</sup>.

A audição pode ser ativada através de emoções, como nos versos dedicados a Leonor, tataravó de Maria Teresa Horta: “Escuto o teu sentir / e não aceito / que acrescentes / silêncio a nosso lado”<sup>34</sup>, ou pelos “ruídos selvagens” do Jardim Botânico do Rio de Janeiro<sup>35</sup>, experiência de uma viagem feita por Teresa Horta que lhe mereceu a escrita de um livro. Aliás, a associação entre a mata selvagem e os sentimentos dão também a tônica para o despertar auditivo em “Zunido”, no qual se diz: “No carinho / há o zunido das abelhas / Na colmeia / do pulso”<sup>36</sup>. A vibração das abelhas associada ao afago produz um som interligando-se às imagens de apego e a um sentimento de carinho (que, nos versos, se associa à produção de um doce, o mel), fatalmente associados à audição como melhor forma de expressão poética amorosa por essas andanças pelas terras brasileiras.

Já o tato, por meio do toque, adquire contorno importante também devido a essa necessidade de consumação física entre os corpos, bem como na composição da poética, na elaboração dos versos: “o teu corpo / o meu corpo / e o corpo do poema / entre o gosto / o gozo, a escrita”<sup>37</sup>. Por isso, as mãos assumem real importância nessa busca pela realização do prazer carnal feminino: “a fome das mãos / do sal / sobre os seios”<sup>38</sup>. As mãos também podem assumir a função total

28. *Id.*, *Poesia Reunida. Rosa Sangrenta*, *op. cit.*, p. 667.

29. *Id.*, Sem título, *Poesia Reunida. Minha Mãe, meu Amor*, *op. cit.*, p. 549.

30. *Id.*, “Incêndio”, *Poesia Reunida. Inquietude*, *op. cit.*, p. 809.

31. *Id.*, “Inquisidor”, *Poesia Reunida. Feiticeiras*, *op. cit.*, p. 844.

32. *Id.*, “Perfumes”, *Estranhezas*, Lisboa, Dom Quixote, 2018, p. 126.

33. “Mata Atlântica”, 2009, p. 57.

34. *Id.*, “Construção”, *Poemas para Leonor*, Lisboa, Dom Quixote, 2012, p. 32.

35. *Id.*, “Jardim Botânico”, *Poemas do Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 2009, p. 91.

36. *Ibid.*, p. 47.

37. *Id.*, “Os corpos”, *Poesis*, Lisboa, Dom Quixote, 2017, p. 127.

38. *Id.*, “Ausência”, *Poesia Reunida. Espelho Inicial*, *op. cit.*, p. 48.

do corpo ou apenas ser insinuatoras: “Há mãos que são / como corpos / e aquelas que se insinuam”<sup>39</sup>. Contudo, os dedos podem igualmente ser associados aos corpos celestes, como melhor forma de construção de uma imagem intensa de prazer: “Os astros dos teus / dedos / a voarem até à minha cintura / A vencerem o espaço / dos corpos”<sup>40</sup>. Aliás, Mônica Carvalho de Sant’Anna observa que, em muitos poemas de *Educação Sentimental*, e que podemos estender a outras obras da autora, no percurso da cartografia feminina, nos caminhos a serem apreendidos e explorados, é “imprescindível o desenvolvimento do tato”<sup>41</sup>. A mesma autora refere também que “esse processo interativo de ensino-aprendizagem é gradativo, os sentidos são valorizados no percurso preliminar de (re)conhecimento do corpo feminino para uma prática amorosa/sexual”<sup>42</sup>.

Acreditamos que o poema intitulado “Invocação ao amor” consegue reunir o tato, o olfato, o paladar e a visão como melhor maneira de exaltar a paixão e a relação amorosa:

Pedir-te a sensação  
a água  
o travo

aquele odor antigo  
de uma parede  
branca

Pedir-te da vertigem a  
certeza  
que tens nos olhos quando  
me desejas

Pedir-te sobre a mão  
a boca inchada  
um rasto de saliva  
na garganta  
[...]<sup>43</sup>

É invocada a sensação, pelo corpo, do ser que é desejado-amado. O jogo que se estabelece é o de clamar, insistentemente, como podemos observar na repetição e uso do verbo “pedir”. O que se suplica é o desejo, ativado pelo paladar, olfato, tato e visão. Ou seja, em quase toda poética de Teresa Horta os temas ligados ao amor, ao erotismo e à paixão são aqueles em que figuram com mais afinco os ativadores sinestésicos como melhor maneira de expressão desse “eu” lírico sedento da posse de “outro” corpo. Como vimos, para Merleau-Ponty, “É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo ‘coisas’”<sup>44</sup>; mas, no caso da poética de Maria

39. *Id.*, “A medida que as mãos afirmam”, *Poesia Reunida. Cronista não é Recado*, *op. cit.*, p. 265.

40. *Id.*, “Os astros”, *Poesia Reunida. Só de Amor*, *op. cit.*, p. 696.

41. SANT’ANNA, Mônica A. Heloane Carvalho de, “O Corpo como topos de aprendizagem, prazer e erotismo: uma leitura de *Educação Sentimental*”, in FLORES, Conceição, *O Sentido Primeiro das Coisas. Ensaio sobre a obra de Maria Teresa Horta*, *op. cit.*, p. 379.

42. *Ibid.*, p. 380.

43. *Id.*, *Poesia Reunida. Cidades Submersas*, *op. cit.*, p. 133.

44. MERLEAU-PONTY, Maurice, *Fenomenologia da Percepção*, *op. cit.*, p. 253.



Teresa Horta, essa reciprocidade dar-se-á entre o seu corpo e o corpo exterior, em pé de igualdade, na busca pela equidade dos gêneros.

É uma poética que se fala com/pelo/através do corpo: “Digo-te a ti / nas mãos / a ti na boca”<sup>45</sup>. Por isso, a própria Maria Teresa Horta admite que é com o corpo, a paixão pela literatura e os cinco sentidos, que ela produz as suas obras:

Porque construo  
os meus livros  
a partir do próprio corpo

com as mãos, os meus  
sentidos  
e o coração absorto<sup>46</sup>

Em suma, só se reconhece e sente o corpo através desta experiência pessoal-sensorial que, na poesia de Teresa Horta, é algo tipicamente feminino, de exaltação à liberdade corporal e sexual das mulheres. São os sentidos que dão a ver o reconhecimento de si e do outro, a partir de uma busca incessante pela descoberta de novos prazeres, pela reativação de experiências vividas no passado e, certamente, pela melhor maneira de expressar a articulação poética entre o desejo do “eu” poético e de um “tu” que é desejado. A obra traz e elabora sensações que são estimuladas intencionalmente, buscando, na palavra poética, intensidade e duração. Constatamos, por fim, que o tato, o paladar e o olfato predominam com mais frequência do que a audição e a visão. Verificamos, igualmente, que a inscrição do sujeito poético no mundo — da voz poética no conjunto de obras de Teresa Horta — vivencia, a partir desse objeto sensível que é o corpo, um processo de percepção, construído, muitas vezes, através de metáforas e de figuras de linguagem que procuram enfatizar uma consciência corporal (e sexual) de ser e estar no mundo.

Destarte, sentir é, para Maria Teresa Horta, um ato primordial de elaboração da escrita poética. Sem a paixão e a desmesura, sua poética não existiria. O ato poético faz com que se vejam “asas”, se ouçam “vozes” e se possa andar voando “na poesia”<sup>47</sup>. Por fim, à guisa de conclusão, podemos notar que o tato, na expressão poética de Horta, não se prende apenas às mãos, mas diz respeito ao sentir fenomenológico de todo o corpo: a pele é uma silhueta não apenas do corpo, mas também (e muito mais) da identidade feminina.

---

45. *Id.*, “A ti”, *Poesia Reunida. Cidades Submersas*, *op. cit.*, p. 86.

46. *Id.*, “Encontro”, *Poesis*, *op. cit.*, p. 152.

47. *Ibid.*, “À Porfia”, p. 177.